



CONCHECTOMIA ASSOCIADA A CRIOCIRURGIA PARA O TRATAMENTO DE POSSÍVEL CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS: RELATO DE CASO

Isadora Moraes Matthiesen¹

Alice Dias de Azevedo¹

Maria Eduarda Maia de Sousa Alves¹

Mariana Cristina Alves Silvério¹

Victor José Vieira Rossetto⁵

INTRODUÇÃO: No Brasil, devido ao clima tropical, há alta incidência de raios ultravioleta na maior parte do tempo, o que aumenta as chances de carcinomas de células escamosas em animais expostos à essa radiação cronicamente, sendo esse um dos fatores de desenvolvimento da doença (FERREIRA, et. al., 2006). Como tratamento, existem algumas possibilidades a serem escolhidas a depender da clínica do animal, sendo as principais, excisão cirúrgica, criocirurgia (ALBERTO, et. al., 2017), eletroquimioterapia e radioterapia. A crioterapia, ou criocirurgia, vem sendo bastante utilizada como tratamento de escolha para carcinomas de células escamosas, a qual consiste em destruição tecidual por meio do congelamento (JACOMASSA, et. al., 2023) com nitrogênio líquido a -196°C (ALBERTO, et. al., 2017). Objetivou-se com o presente relato descrever o caso de um felino, que apresentava lesões em orelhas, plano nasal e pálpebras, levando a suspeita de carcinoma de células escamosas, e a tomada de decisões de tratamento, no caso a conchectomia bilateral associada a crioterapia de forma a comprovar as suas eficácias. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Este relato explica o caso de um animal da espécie felina de 12 anos de idade, e 4,2 kg de peso corpóreo, macho, SRD, de coloração branca, que foi atendido com queixa de lesão na ponta das orelhas, plano nasal e pálpebras, sendo a das orelhas de maior tamanho como

¹Discente do Curso de Medicina Veterinária, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – campus Poços de caldas

²Docente do Curso de Medicina Veterinária, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – campus Poços de caldas

apresentado na Imagem 1, com prurido da região, a qual já apresentava áreas de necrose. A tutora relatou também que o animal permanecia por muito tempo no sol e já havia feito o uso de protetor solar, porém o animal retirava e com as lesões era mais difícil sua aplicação. O gato não era vacinado e apresentava outros seis contactantes felinos que não apresentavam sinais parecidos; já havia sido castrado e nunca teve qualquer outro tipo de afecção. A partir de sua clínica e histórico foi suspeitado que ele teria carcinoma de células escamosas e então encaminhado para tratamento cirúrgico de conchectomia bilateral associada a criocirurgia. Foram realizados exames como hemograma e bioquímicos pré-cirúrgicos, os quais não apresentaram nenhum tipo de alteração.

Imagem 1- Fotografia mostrando felino com lesão bilateral em ponta de orelha, antes da cirurgia



Fonte: acervo pessoal

No dia da cirurgia o animal estava em jejum de 12h, como recomendado e não havia feito uso de qualquer tipo de medicação nas últimas 24h. Foi utilizado como medicação pré-anestésica os fármacos zoletil (0,08mg/kg) e metadona (0,25mg/kg), como indução foi realizado Lidocaína (1,5mg/Kg), Cetamina (1mg/Kg) e Propofol (3mg/kg), e como manutenção foi usado Isoflurano. Além desses medicamentos foi feita a antibioticoterapia no trans e pós cirúrgico com cefalotina (30mg/Kg). A conchectomia foi feita bilateralmente, sem necessidade da retirada de toda a orelha, apenas as regiões afetadas com ajuda da pinça de doyen e retirada com bisturi. Posteriormente foi feita a criocirurgia das regiões lesionadas na face, sendo elas nariz e pálpebras (Imagem 2). A tutora não aceitou enviar as amostras para realização de exame histopatológico a fim de obter um diagnóstico definitivo.

Imagem 2- Fotografia mostrando realização da criocirurgia em região de pálpebra em felino.



Fonte: acervo pessoal

Após 15 dias do procedimento o gato voltou para retorno e retirada dos pontos, portanto a região a qual foi realizada a conchectomia estava muito inflamada e então foi decidido que não seria feita a remoção dos pontos naquele momento, o que se devia principalmente a mal uso do colar elizabetano relatado pelo tutor, continuando o uso já recomendado de limpeza da ferida e pomada vetaglós e regencil. Em uma semana o animal voltou para retorno e sua ferida já estava melhor cicatrizada, então foi feita a retirada dos pontos, continuando com o processo de limpeza e aplicação das pomadas. Depois de aproximadamente dois meses da cirurgia realizada o animal retornou ao Centro Veterinário já com suas feridas cirúrgicas cicatrizadas e limpas (Imagem 3), além disso a tutora relatou que não houve recidiva das lesões nesse tempo, e que não tinha mais prurido da região.

Imagem 3- Animal após dois meses da cirurgia



Fonte: acervo pessoal

RESULTADOS E DISCUSSÃO: As lesões apresentadas no animal se localizavam nas pontas das orelhas, nariz e pálpebras, e podem ser caracterizadas por áreas proliferativas, crostosas, com descamação, hiperemia e necrose, já que lesões provenientes de CCE comumente apresentam características inflamatórias e

proliferativas com aparência hiperêmica, muitas vezes friáveis ao toque, com formação de crostas que evoluem posteriormente para úlceras associadas à invasão de tecidos adjacentes (ALBERTO, et. al.; 2017; FERREIRA, et. al.; 2006; NASCIMENTO, et. al.; 2005). O histórico do animal incluía longos períodos de exposição solar, corroborando a suspeita diagnóstica de CCE, devido a forte associação entre a radiação ultravioleta e o desenvolvimento de CCE em felinos, especialmente aqueles com pele e pelos claros (ALBERTO, et. al.; 2017; FERREIRA, et. al.; 2006; ROSOLEM, et. al.; 2012). A literatura científica reconhece amplamente a radiação ultravioleta como um fator crucial na gênese do CCE em gatos (ALBERTO, et. al.; 2017; FERREIRA, et. al.; 2006; ROSOLEM, et. al.; 2012). Essa maior sensibilidade à radiação solar em animais de pelagem branca ou despigmentada aumenta o risco do desenvolvimento da doença (ALBERTO, et. al.; 2017; FERREIRA, et. al.; 2006; JACOMASSA, et. al.; 2023; ROSOLEM, et. al.; 2012), além da localização das lesões (orelhas, plano nasal e pálpebras) coincidir com as áreas mais comumente afetadas pelo CCE em felinos, exatamente pelo fato de serem áreas comumente expostas à luz solar, normalmente com pouca ou nenhuma pelagem ou proteção (ALBERTO, et. al.; 2017; FERREIRA, et. al.; 2006; JACOMASSA, et. al.; 2023; ROSOLEM, et. al.; 2012). A conchectomia bilateral associada à criocirurgia foi o tratamento escolhido para o paciente, tendo em mente que ambas as técnicas são reconhecidas como opções terapêuticas para o CCE em gatos (ALBERTO, et. al.; 2017; FERREIRA, et. al.; 2006; JACOMASSA, et. al.; 2023; NASCIMENTO, et. al.; 2005). A criocirurgia, em particular, destaca-se como uma técnica segura e pouco invasiva para o tratamento de lesões superficiais, como as lesões iniciais de CCE (ALBERTO, et. al.; 2017; JACOMASSA, et. al.; 2023). No entanto, a literatura informa que a criocirurgia pode não ser suficiente como tratamento único em todos os casos dessa doença (ALBERTO, et. al.; 2017; FERREIRA, et. al.; 2006), dessa forma, a decisão de associar a conchectomia à criocirurgia neste caso, sugere uma abordagem que visa a remoção cirúrgica das áreas mais comprometidas, complementada pela criocirurgia, atingindo células tumorais residuais e minimizando o risco de recidiva. A inflamação observada na região da conchectomia durante o acompanhamento pós-operatório demonstra a importância do manejo adequado no pós-cirúrgico, incluindo o uso correto do colar elizabetano e a comunicação precisa entre o médico veterinário e o tutor sobre os cuidados pós-operatórios, sendo fundamental para prevenir complicações e garantir o sucesso do tratamento. A ausência de exame histopatológico no caso, justificada pela recusa da tutora, impede a

confirmação definitiva do diagnóstico e a avaliação precisa do grau de invasão do tumor, já que o exame histopatológico é fundamental para o diagnóstico e classificação do CCE (JACOMASSA, et. al.; 2023; ROSOLEM, et. al.; 2012), contribuindo na definição do prognóstico se reservado ou favorável, o qual depende da combinação de vários fatores, incluindo a precocidade do diagnóstico, estadiamento do tumor, resposta ao tratamento, as medidas preventivas adotadas e o acompanhamento do paciente para avaliação de recidivas (FERREIRA, et. al.; 2006). Além disso, o exame auxilia também na decisão sobre o uso de terapias associadas, como a quimioterapia ou radioterapia (ALBERTO, et. al.; 2017; FERREIRA, et. al.; 2006; JACOMASSA, et. al.; 2023; NASCIMENTO, et. al.; 2005). Apesar dessa limitação, a suspeita clínica de CCE é bem fundamentada e seu prognóstico favorável, baseado na apresentação clínica, histórico do paciente e resposta inicial ao tratamento. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Em resumo, é possível concluir que Carcinoma de Células Escamosas (CCE), a afecção suspeita do paciente, é comum em animais que possuem pele e pelos claros e que ficam expostos frequentemente e por um longo período à luz solar. Suas lesões envolveram a região da face, a qual tem menos pelos e fica mais exposta ao sol. Foi realizada a conchectomia bilateral nas orelhas, associada à criocirurgia, removendo as áreas comprometidas na primeira técnica e, na segunda técnica, atingindo diretamente as células tumorais, reduzindo as chances de recidiva. É válido destacar o manejo pós-operatório das lesões e acompanhamento do paciente, que são essenciais para prevenir complicações e garantir o sucesso no tratamento, levando a um prognóstico favorável da afecção.

Palavras-chave: Carcinoma; Conchectomia; Criocirurgia.

Keywords: Carcinoma; Conchectomy; Cryosurgery.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, M. L. V.; BONFANTE, J. S.; BERALDO, M. R. A.; TORRES, M. L. M.; ROCHA, L. M. S. **Criocirurgia no tratamento do carcinoma de células escamosas em gato: relato de caso / Cryosurgery in the treatment of squamous cell carcinoma in a cat: case report** / Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP / Journal of Continuing Education in Animal Science of CRMV-SP. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 15, n. 2, p. 68-74, 2017.

FERREIRA, I. et al.. **Terapêutica no carcinoma de células escamosas cutâneo em gatos**. Ciência Rural, v. 36, n. 3, p. 1027–1033, jun. 2006.

JACOMASSA, A.G.F. et al. **Uso da crioterapia para tratamento de carcinoma de células escamosas em felino: relato de caso.** Revista Inovação: Gestão e Tecnologia no Agronegócio, v. 2, ISSN 2764-9199, maio 2023 .Acesso em: 29 out. 2024.

NASCIMENTO, M. et al. **Carcinoma de células escamosas em gato: Relato de caso.** Revista Científica de Medicina Veterinária, Periodicidade Semestral, Edição Número 4, ISSN 1679-7353, jan. 2005.

ROSOLEM, M.C. et al. **Carcinoma de células escamosas em cães e gatos - Revisão de literatura.** PUBVET, Londrina, V. 6, N. 6, Ed. 193, Art. 1299, 2012.